

Luis Prista (Faculdade de Letras de Lisboa)

Dionísio que editava Proença
que editava Sérgio que editava Sérgio

0. Em 88/89, no Seminário de Crítica Textual - orientado pelo Prof. Ivo Castro, e parte do Curso de Mestrado em Linguística Portuguesa Histórica - foi-me sugerido que empreendesse a colação das edições do Guia de Portugal, vol. I.

Sabia-se que os exemplares da segunda edição haviam sido recolhidos já depois de estarem em distribuição, em virtude de o seu texto se afastar do da primeira edição. Aliás, as edições posteriores (ou, melhor, a edição de 1982 e as reimpressões de 83 e 88) davam disto notícia ao procurarem esclarecer no frontispício "Texto integral que reproduz fielmente a 1ª edição publicada pela Biblioteca Nacional de Lisboa em 1924"

1 Vale a pena rever o que aconteceu entre 1924 e os anos oitenta em matéria de Guia.

Em 1924, a Biblioteca Nacional publica o primeiro volume da série de Guias de Portugal (Guia de Portugal, vol. I (Lisboa e Arredores), Biblioteca Nacional de Lisboa, 1924 [a partir de agora, BNL]). Dirá mais tarde Sant'Anna Dionísio ser "o perscrutante e vigoroso espírito de Raul Proença o audacioso inventor desta obra" (1), "a obsessiva Dulcineia del Toboso das suas secretas exaltações e insónias - e, um pouco também, o seu moinho de vento" (2). Num outro passo, Sant'Anna Dionísio dá testemunho do que havia de inovador e arrojado na empresa de Proença: "tal iniciativa deveria ter, aos olhos de muitos, o ar de uma excentricidade. Leonardo Coimbra, amigo íntimo de Proença, [...] jamais fez (que nos lembre) qualquer alusão a

tal empreendimento, sinal evidente de que o reputava uma extravagância digna de se passar em silêncio" (1). Em 1923, Proença, no prefácio do Guia de Évora e seus arredores - (espécimen do Guia de Portugal), resumia os seus objectivos no seguinte: "livro de leitura e de consulta, ao mesmo tempo que roteiro" (2).

Em finais de 1927, sairá, ainda em edição da Biblioteca Nacional, o segundo volume (sobre a Estremadura, o Alentejo e o Algarve). Este segundo livro da série origina polémicas: segundo um dos algarvios que se insurgiram e foram trocando argumentos com Raul Proença nos jornais da época, Proença teria escrito que "não é azul o sol do Algarve; que não prestam os nossos vinhos; que são feias as mulheres algarvias" (3). A nós este Guia de Portugal sobre o sul só interessa porque aí Proença arrola uma corrigenda do primeiro volume. Esta errata (que pode exprimir o contentamento de Proença ante o texto de 24) não foi aproveitada pelas edições posteriores (por exemplo, os Guias mais recentes conservam pelo menos uma legenda trocada, que a errata assinalava).

Poucos meses antes, Proença fora demitido do seu cargo nos serviços na Biblioteca Nacional: tinha-se "envolvido no decisivo combate travado na cidade do Porto, de 3 a 5 de Fevereiro" (4) (um jornal descreve a sua acção nestes termos: "o desassombrado jornalista Raul Proença (...) percorre as ruas da cidade, falando ao Povo e arrastando atrás de si centenas e centenas de voluntários" (5)).

Segue-se o exílio. E a doença. Porém, em 1937, é operado. Recupera. É então que lê "Uma dificuldade preliminar no pensamento de Raul Proença" (6) que Sant'Anna Dionísio publicara "na persuasão íntima de que nem sequer passaria pelos

seus olhos, dado o seu conhecido alheamento" (1). O artigo (que referimos, apenas porque é um caso em que Sant'Anna Dionísio interpretou livremente asserções de Proença) teve resposta em "Sobre a teoria do Eterno Retorno" publicado na Seara Nova e em que, segundo Bourbon e Menezes nos diz num opusculo intitulado Proença furioso & lastimoso ou a Megalomania de um Messias sem luízo - subsídio anedótico para a historia da "Seara Nova" e dalguns pardais (11), Proença reage "com encantadora espontaneidade, num daqueles seus Panfletos que hão-de leva-lo ao Panteão onde os enfatuados repousam na imortalidade concomitante dos seus dislates furibundos".

Em 1939, em carta a Jaime Cortesão (12), Proença escreve acerca do seu projecto para o terceiro volume do Guia de Portugal: "ouvidos o Sérgio e o Câmara Reys, julguei que podia aceitar [...] prosseguir essa obra, contanto que tal não implicasse adesão nenhuma ao regime (...) e ficasse com pulso livre na colaboração". É também por esta altura que redige Instruções para uso de colaboradores do Guia de Portugal (13).

*Porém, em 1941, o "seu espirito, de novo atacado pela doença inexorável, uma vez mais se abismara nas sombras do alheamento e da exaltação sagrada. Por fim, num ambiente de pesadelo e como uma verdadeira figura trágica, o pensador terminou seus dias vituperando a maldade dos homens e a cegueira do destino" (14).

Foi já Sant'Anna Dionísio o responsável pela coordenação do 39 volume, saído em 45.

Só na década de sessenta a série foi retomada e por iniciativa da Fundação. Foi ainda a Sant'Anna Dionísio que se recorreu: "no próprio dia em que os dois primeiros homens enviados da Terra para a Lua estavam prestes a pôr os levitados

pés e as mãos experienciais na superfície pedregosa do satélite, fizemos nós, sem o mínimo espírito de concorrência, uma larga digressão de cinquenta léguas pela superfície de Trás-os-Montes" (14). Destas aventuras resultaram dois volumes (IV e V, com dois tomos cada).

Chegamos a 75, ano em que a Fundação publica a 2ª edição do 1º volume do Guia (Guia de Portugal, vol. I (Generalidades - Lisboa), Fundação Calouste Gulbenkian, 1975 (esta edição passa a ser referida por SDI) Dadas as alterações feitas por Sant'Anna Dionísio, o livro é retirado.

Temos de esperar até 1982 por nova edição do 1º volume do Guia (Guia de Portugal, vol. I (Generalidades - Lisboa e Arredores), Fundação Calouste Gulbenkian, que passamos a abreviar em FCG-82). Logo no ano seguinte, surge uma reimpressão (FCG-83); uma segunda reimpressão (FCG-88) foi distribuída há pouco mais de um ano.

2. Tratava-se, portanto, de saber de que aspectos se revestira a intervenção de Sant'Anna Dionísio em SD. Ao mesmo tempo, procuraríamos verificar se as opções de FCG respeitavam o seu juramento de fidelidade a BNL ("por considerar que uma obra desta originalidade e valor devia manter-se na sua pureza" (15) a 3ª edição propunha-se "apresentar o texto da obra de Raúl Proença na sua versão inicial" (16)). Que FCG-83 & 88 são reimpressões de FCG-82 tínhamo-lo confirmado por comparação por amostra de locais fixos da página, pela observação da mancha e dos caracteres (com atenção às irregularidades do alinhamento), pela permanência de outros erros de composição.

A densidade do Guia obrigava a que delimitássemos a área a colacionar. Ao mesmo tempo, porque reúne escritos de índole

muito diversa (de autores, também eles, com estatutos diferentes), o que poderia supor critérios de fixação igualmente heterogéneos, aconselhava a que contemplássemos no corpus artigos de características variadas. Foi o que fizemos escolhendo grande parte das folhas preliminares, a bibliografia, a "Introdução geográfica" (por Silva Teles), a "Introdução histórica" (por António Sérgio), secções não assinadas de assuntos vários, uma "Impressão Geral" assinada por Proença (vd. quadro 1)

CCSTF.DC	BHL	SD	FCG
Frontal	121-122-124-111	111	111
Nota	121-122-124-119	119	111
Epígrafas	121-123-125-17	17	1111
Advertencial	121-123-125-171	171	111
Dedicatória	121-124-124-126-111	111	11
Agradecimentos	121-124-124-126-1111	1111	11
Índice metodico	111-11	111-11	1111-111
Índice das gravuras e cartas	1111-1111	1111-1111	1111-1111
Índice de localidades e monumentos	111-1111111	111-111	111-111
Índice dos artistas citados	11111-111111	1111-1111	1111-111
Autores dos artigos	1111-111	111	1111-1111
Prefácio (por Raul Proença)	111-111	111-1111111	111-111
Abreviaturas e outros sinais	1111-111	111-111	111-111
Portugal-Bibliografia	11-14	11-14	11-14
Introdução Geografica (Silva Teles)	15-30	15-30	15-30
Introdução Historica (A. Sérgio)	131-62	131-60	131-60
Lisboa-Situação, população, clima	1179	1195	1177
Impressão Geral (por Raul Proença)	1160-166	1156-163	1176-166
Idol. Aeronauticas (etc) Bnhos	1174-175	1151-152	1171-172

Quadro 1

Depois do cotejo que permitiu concluir que as três tiragens mais recentes do Guia integram uma mesma edição (FCG), confrontámos a edição de 24 com FCG. Pretendíamos confirmar que FCG, para muitos efeitos, não chega a ser uma nova edição de BHL, e é o que designariámos por 'uma quase-emissão com ortografia actualizada'. Realmente, a pretensão é suficientemente conseguida: as divergências - excluídas as

ortográficas - podem resumir-se nisto (e são de ordem material; ou evidenciadas no paratexto): notas de Sant'Anna Dionísio são mantidas; estilo dos tipos é diferente do de BNL; o papel não lembra em nada o da primeira edição (parecendo perder a aura utilitária do Guia); desapareceram os anúncios que ocupavam as folhas sobrantes do último caderno de BNL; os versos da capa ficaram privados do programa do próprio Guia que era já uma marca de toda a série

Num terceiro momento, comparámos BNL e SD. Mesmo um olhar pouco atento permite descobrir inúmeros aspectos em que SD se distingue de BNL: capa leva um dourado menos vivo (e que não é gravado em cavado como o de 1924); aí e na lombada, os caracteres imitam desastrosamente os desenhados por Raul Lino; no corte, não foi aplicada a tinta vermelha; os cantos das folhas não foram arredondados; uma das cartas, a de Portugal, é recente (enquanto as cartas regionais reproduzem as de BNL); o estilo de paginação e ênfase típico do Guia não é cumprido na totalidade (por exemplo: em BNL, os caracteres pertenciam todos à mesma série estilística e eram de corpo superior aos de SD - e de FCG); a composição de SD foi muito descuidada e, assim, a edição oferece-nos um rol completíssimo de acidentes tipográficos (estão representados a omissão de tipo, a omissão de palavra, a omissão de linha/item, a omissão de secção ou de parágrafo, a repetição de tipo, a repetição de palavra, a repetição de linha, o deslocamento de tipo, a troca de tipos, a troca de palavras, a troca de linha, os erros ortográficos do tipógrafo, o erro na distribuição período-parágrafo); as más escolhas de grafias por SD também podiam dar lugar a um inventário alongado.

3 Antes de ilustrarmos as variantes BNL vs SD, podemos comentar o estema (vd fig 1) e dar já conta de parte do que podemos apurar

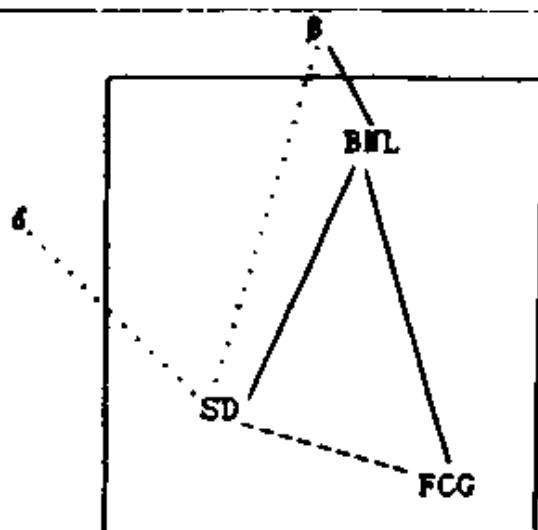


Fig 1

Leia-se sobretudo o que está enquadrado. a árvore erige BNL como fonte directa das outras edições e deixa inferir que FCG aproveitou alguma coisa de SD (eg rodapés de Sant'Anna Dionísio). Quisemos prever a possibilidade de Sant'Anna Dionísio ter tido acesso aos escritos remetidos a Proença pelos colaboradores do Guia, ou mesmo a autógrafos de Proença (e do espólio de Proença na B. N. constam realmente manuscritos enviados por Aquilino, Reinaldo dos Santos, Eugénio de Castro, Afonso Lopes Vieira, e alguns estão emendados por Proença). O pontilhado que une β a SD significa, no entanto, a improbabilidade da solução. De qualquer maneira, a ter seguido as lições de um conjecturado β , o editor teria agido, provavelmente, mal (primeiro, porque o estatuto de Proença ultrapassava o de organizador do volume: "A regra editorial era sujeitar tudo à sua revisão, compressão, e até supressão, em vista da unidade, equilíbrio e economia da obra [...] o Guia não podia comportar todas as divagações literárias dos seus colaboradores" (17)) e, assim sendo, dificilmente podemos

preferir o original do colaborador à versão ratificada pelo criador do Guia; depois, porque é de crer que Proença trabalhasse em grande intimidade com a tipografia, o que dilui a importância aos próprios manuscritos emendados). Para recusar um percurso como o que vai de *S* a *SD*, aduzem-se argumentos muito semelhantes. Acresce que várias situações dificultariam grandemente a existência de tais modelos (eg exílio, doença, morte de colaboradores).

Esta genealogia não trata ainda de um caso específico: o da tradição da "Introdução Histórica". Ver-se-á a seguir que, quer em constância de lugares variantes, quer pela exclusividade das divergências textuais, o esboço histórico de António Sérgio levava a que para ele adivinhássemos uma árvore mais viçosa. É certo também que uma outra explicação simplificaria tudo: o editor de 75 ter-se-ia detido mais zelosamente ante essa parcela do Guia.

Tenha-se em atenção, igualmente, que no quadro 2 (vd. infra) a distribuição peculiar das variantes *BEL/SD* (pela introdução histórica na coluna da direita, nas restantes páginas do corpus, à esquerda) não se deve apenas à diferença de géneros (além do texto de Sérgio, havia nas páginas colacionadas momentos de síntese histórica e geográfica).

Quadro 2

TIPOLOGIA DAS VARIANTES (segundo a interacção que lhes corresponde)

	OCORRE	indiscriminadamente	na "IH"
1. Utilitárias			
1.1. Actualização de informações	X		
1.2. Acordo a novas prioridades	X		
1.3. Adaptação à divisão em tomos	X		
1.4. Remediação de deficiências de metodologia	X		
2. Correctoras			
2.1. Aperfeiçoamento da expressão	X		X
2.2. Economia de palavras	X		X
2.3. Emenda de dados			X
2.4. Exclusão dos deicticos			X
2.5. Atenuação da superficialidade científica			X
3. Censuradoras			
3.1. Fuga ao eufemismo/distemismo	X		
3.2. Restrição da euforia/arrogância	X		
3.3. Moderação da irreverência linguística	X		X
3.4. Comedimento da depreciação de figuras	X		X
3.5. Recusa da interpretação economicista			X
4. Egocéntricas			
4.1. Condimentação da perspectiva política			X
4.2. Tempero da História por ressentimento com Castela			X
4.3. Valorização do movimento liberal			X

4. Em todo o caso, dá-se exemplo de cada um dos grupos de variantes.

1.1. Actualização de informações

BNL, p. 174

realizam-se feiras muito concorridas, com várias diversões (teatro, fantoches, cavalinhos, animatógrafo, carrocel, etc.), nos Parques de Eduardo VII e Mayer.

SD, p. 151

realizam-se feiras muito concorridas, com várias diversões (teatro, fantoches, cavalinhos, animatógrafo, carrocel, etc.), no Parque Mayer e na Feira Popular.

Outras ilustrações: a secção 'animatógrafos' foi transformada em 'cinemas'; eliminou-se a referência a uma sala de espectáculos - por ter realmente desaparecido - mas mantiveram-se outras que, ou já tinham encerrado muito antes de 75, ou a custo podem ser consideradas representativas (a lista dos cinemas da capital ficou composta por Olímpia, Salão Foz, Condes, Central, Chiado Terrasse, Roma, Império - estes últimos, acrescentos de SD); na secção 'desportos', subsecção 'futebol', retiram-se clubes que perderam importância, mas aos que se conservam são atribuídas as moradas e os campos de 1924 o que traz muitas incongruências.

Neste item i.l., a correcção faz-se quase sempre por substituição directa (como se se emendasse o que mais evidentemente se desactualizara, querendo fazê-lo sem grande trabalho).

1.2. Acordo a novas prioridades

BFL, p. LXV

sobretudo podem interessar ou servir de auxílio ao turista

SD, p. LII

sobretudo podem interessar ou servir de auxílio ao viandante reflexivo

Reunimos, afinal, as variantes demonstradoras do benefício a novos interesses do leitor. É o que acontece também quando a secção 'banhos' é substituída por 'livrarias'; ou quando de 'clubes de recreio' ("em que se reúne o escol da sociedade") é retirado o parágrafo com 'dancings e casas de jogo.

1.3. Adaptação à divisão em tomos

A distribuição do primeiro volume do Guia de Portugal por dois tomos obrigou a algumas alterações - concentradas nas páginas preliminares - quase sempre supressões (é o que acontece nos agradecimentos, na lista de colaboradores, nas remissões para texto que caía na segunda parte do volume original).

1.4. Remediação de deficiências de metodologia

Agrupam-se as passagens em que o organizador se rende às dificuldades da tarefa a que se votara. São quase sempre acrescentos, em nótulas assinadas por Sant'Anna Dionísio. É, em qualquer caso, uma desistência desenvolta e nada condescendente, como quando, não tendo actualizado o índice aproveita o de 1924 e recomenda que o leitor a partir da página 147 recue cerca de vinte e cinco páginas em relação à referência do índice, reconhecendo que "será necessário um pouco de benevolência da parte do leitor ou consulente" mas acrescentando que "tal exercício, [de resto], de paciência e de

pesquisa só fará bem ao leitor comum é bom que ele experimente o que custa qualquer tarefa deste género" (SD, p. XIII).

2.1. Aperfeiçoamento da expressão

BNL, p. 57
decidindo-se porisso a ir para Espanha

SD, p. 56
decidindo-se por isso a retirar para Espanha

2.2. Economia de palavras

BNL, p. 54
(o reinado de D. José) celebrizou-se, como todos sabem, pela administração do marquês de Pombal

SD, p. 53
(o reinado de D. José) celebrizou-se pela administração de Pombal

2.3. Emenda de dados

BNL, p. 51
em Ciudad Rodrigo

SD, p. 50
em Castelo Rodrigo

2.4. Exclusão dos deicticos

BNL, p. 46
feitorias.
A natureza deste trabalho manda-nos calar a aventura imensa e sem igual, de que nos ficou uma imagem viva na *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.
O tráfico

SD, p. 46
feitorias.
O tráfico

2.5. Atenuação da superficialidade científica

BNL, p. 46

tocaram na América do Sul, já visitada pelos Portugueses, acaso desde muito antes

SD, p. 46

tocaram na América do Sul, acaso já visitada pelos Portugueses, desde muito antes

Em 2.1 e 2.2 surgem lições que procuram a reformulação do texto em aspectos miúdos de redacção. 2.3, 2.4 e 2.5 so ocorrem na "Introdução ()". Em 2.4 "deicticos" é tomado em sentido lato (incluem-se as estratégias de eliminação do tom coloquial, por exemplo, omissões de "como todos sabem" "como dissemos"). Em 2.5 estão abonados trechos em que se refreou o estilo polémico de Sérgio (por supressão ou redução normalmente; no exemplo que deixamos, bastou a antecipação de "acaso").

3.1. Fuga ao eufemismo/disfemismo

BNL, p. XII

Museu dos Côches - jogo traseiro dum dos côches da embaixada ao papa Clemente XI

SD, p. XII

Museu dos Coches - jogo plástico dum dos coches da embaixada ao papa Clemente XI

De 1.3. constam, sobretudo, intervenções em que a figura de correcção predominante é a substituição (é também o caso, de outro estilo, mas ainda neste item, de "galegos" trocada por "moços de esquina").

3.2. Restrição da euforia/arrogância

Aplica-se quase só a variantes das páginas preliminares. É o optimismo de Proença que SD tenta esconder, habitualmente,

pela supressão de passagens. A dedicatória de SD (p. VII) termina com um simples "este livro é oferecido e dedicado"; a de BNL (p. VII) incluía um aposto generoso: "este livro, inventário das riquezas artísticas que ainda se não sumiram na voragem, e das maravilhas naturais que ainda não conseguimos destruir, antologia de paisagistas, «vade-mecum» de beleza, roteiro dos passos dos portugueses enamorados, índiculo das pequenas e grandes coisas que requerem o nosso amor - pelo passado, pelo presente e pelo futuro, - é oferecido e dedicado".

3.3. Moderação da irreverência linguística

BNL, p. 50

Connosco e com a Espanha usou então a França uma torpe política de burlices.

SD, p. 50

Connosco e com a Espanha usou então a França uma lamentável política de duplicidades.

Ainda a moderação; mas, agora, é a truculência da redacção sergiana que suscita o cuidado de SD. Actuou-se por substituição directa (várias vezes de superlativos: "mitíssimo enérgico" devém "enérgico"; "tiranicíssimo", "despótico"; "facilimamente", "facilmente").

3.4. Comedimento da depreciação de figuras

BNL, p. 34

A vida de Afonso Henriques, um chefe guerrilheiro, decorreu em lutas com Leão e os Sarracenos.

SD, p. 34

A vida de Afonso Henriques, guerreiro verdadeiramente homérico, decorreu em lutas com Leão e os Sarracenos.

Continua a atenuação. Os julgamentos impiedosos de Sérgio recaiam sobre muitas figuras históricas: D. Sebastião (em SD, "o moço monarca" substitui o menos simpático "rapazola tresloucado, pateta e fanfarrão", e "tonto" é omitido), Sertório, D. António Prior do Crato, Febo Moniz, Castelo Melhor, Fontes Pereira de Melo, D. Afonso Henriques. SD também corrige Proença (na p. 156, suprime-se um passo em que se diz "(resultar) desoladora a impressão de banalidade charra, de frieza, de 'surdez' estética [de Lisboa]" (FCG, p. 178)).

3.5. Recusa da interpretação economicista

Leituras de factos históricos - a que Sérgio associava, frequentemente, uma fundamentação economicista - são revistas:

BEL, p. 31

Empreenderam eles várias campanhas, por motivos económicos, e surgem com papel notável na resistência às legiões romanas (séc. II A. C.).

SD, p. 31

Empreenderam eles várias campanhas, impondo-se pela coragem e resistência às legiões romanas (séc. II A. C.).

E chegamos a uma tríade de variantes egocêntricas. Não encontramos melhor designação para as intervenções cujo móbil é a manifestação do editor (já se vê que em todas as variantes ele se representa; aqui, no entanto, essa exibição é mais voluntária). Para a maioria funciona a interpolação.

4.1. Condimentação da perspectiva política

BEL, p. 61

Os factos dominantes foram as incursões monárquicas de 1911, a entrada na Grande Guerra (1914), a revolução de 14 de Maio de 1915 contra o ministério de Pimenta de Castro, a de 5 de Dezembro de 1917 contra o governo do partido "democrático".

o assassinio do presidente Sidónio Pais no ano seguinte, a sublevação monárquica de Monsanto (1919) e a radical

SD, p. 60

Os factos dominantes, desde então, foram as incursões monárquicas de 1912, a revolução de 14 de Maio de 1915 contra a ditadura incipiente de Pimenta de castro; a entrada na Grande Guerra (1916), a de 5 de Dezembro de 1917 contra o governo defensor da intervenção; no ano seguinte, o assassinio do presidente autócrata Sidónio Pais (antigo ministro de Portugal em Berlin); a sublevação monárquica de 1919 e a radical

Não nos interessando as correcções de dados (houve incursões monárquicas em 1912, mas também houvera em 1911; a data de 1914 não está errada se se referir a 'Grande Guerra', sabendo nós que a colaboração portuguesa é de 1916), são evidentes os vectores das modificações (governo do partido "democrático" | governo defensor da intervenção; ministério de Pimenta de Castro | ditadura incipiente de Pimenta de Castro; presidente Sidónio Pais | presidente autócrata Sidónio Pais (antigo ministro de Portugal em Berlin)).

4.2. Tempo da História por ressentimento com Castela

BML, p. 50

Este exemplo não desarmou os amigos de Castela.

SD, p. 49

Este exemplo não desarmou os agentes filipinos.

No mesmo sentido de tornar o texto menos condescendente ante os espanhóis, também há acrescentos (por exemplo, o de uma nota sobre Olivença).

Finalmente, em 4.3., ressalta a defesa do liberalismo:

4.3. Valorização do movimento liberal

BHL, p. 60

Começou a caça aos miguelistas e aos seus bens. De 1834 a 50 vêem-se motins e contra-revoluções

SD, p. 59

Os primeiros tempos de novo regime seriam extremamente perturbados. De 1834 a 50 vêem-se motins e contra-revoluções

5. Prometêramos deter-nos com mais vagar na genealogia da "Introdução histórica". Podia a singularidade da intervenção nesta parte do Guia dever-se à reposição por parte de SD de um texto que BHL tivesse publicado com emendas; podíamos imaginar que SD tivesse seguido uma versão corrigida por Sérgio depois de 1924.

Por enquanto não trabalhamos com a tradição manuscrita da "Introdução". Ao contrário, dispusemos de vários impressos para confronto. De todos, o mais antigo era o Bosquejo da História de Portugal (*), impresso em 1923, na tipografia da Biblioteca Nacional.

Sabe-se que o Bosquejo não é mais do que a resposta de Sérgio a uma encomenda de Proença. Até pela correspondência trocada entre ambos, conclui-se que o texto enviado por António Sérgio contém, para o que era pretendido por Proença, divagações excessivas. Já composto, o texto é revisto e reduzido (o que Sérgio autorizara em carta a Proença). Cumprindo sugestão do próprio Sérgio é publicada uma separata com a versão completa antes das expurgações por Proença.

A composição do Bosquejo e de BHL é, na maioria das linhas, a mesma. De estranho só o entrelinhado, atenuado no Guia. Por outro lado, percebemos que se entretecem as

intervenções típicas da revisão de provas (eg melhoria da acentuação; supressão de redundâncias) e as que procuram aproximar o Bosquejo de um texto realmente introdutório e didáctico (por isso, a necessidade de reduzir o texto, e, assim, a eliminação de frases e parágrafos). Adicionalmente, acontece que reformulações destinadas a satisfazer estas intenções exigiram o reespacejamento de algumas linhas (eg certos acrescentos intentam apenas ocupar um espaço da linha-bloco deixado vago após supressão de várias linhas do Bosquejo, expediente que evita a recomposição integral do texto sobranste).

*, porém, preciso dizer que, cotejados o Bosquejo e BNL, nem todas as divergências se revelaram tão inócuas (e é possível descobrir um sentido geral das intervenções de Proença); preferimos não falar disso agora. Ao mesmo tempo, adiamos uma referência a toda a descendência do Bosquejo (que é muita). Para além dessa derivação regressiva que é o preâmbulo histórico do Guia (BNL), temos em três números da Seara Nova (159, 165, 167: 1929) capítulos do Bosquejo reescritos por Sérgio ("Dois capítulos da 'História de Portugal' de A. Sérgio" [pp. 227-231]; "Trechos da 'História de Portugal' de A. Sérgio" [327-328 e 363-364]); há uma História de Portugal (Editorial Labor, Barcelona, 1929), tradução de um aproveitamento com muitos acrescentos do Bosquejo; segue-se uma nova edição da tradução espanhola em 1958 (História de Portugal, Labor, Barcelona) - de tal maneira o texto da 1ª edição era alterado que António Sérgio escreve Crimes Perpetrados pela editorial Labor na segunda edição da "História de Portugal" de António Sérgio (Inquérito, Lisboa, [1958]); a Brava Interpretação da História de Portugal (edição crítica na Livraria Sá da Costa Editora, 1989' = [1971]) tenta repor o texto que Sérgio

destinara à tradução, apoiando-se em dois autógrafos e nas versões espanholas, mas desconhecendo toda a ascendência anterior); mais próximos do Bosquejo estão duas traduções (inglesa: A sketch of the History of Portugal, impressa em 1928 na tipografia da Seara Nova; e francesa: Le Portugal - s. d., mas impressa para a 28ª reunião da Associação dos Anatomistas, realizada em 1933). Ao preparar estas versões (ou os textos a serem traduzidos), Sérgio ora se limita à colagem e corte, ora é mais rebuscado nas modificações (parecendo que, num caso e noutro, houve a preocupação de considerar as especificidades do campo editorial de cada uma das versões). Uma próxima tarefa é portanto essa de verificar de que modo as reescritas se adaptam ao destino das edições, observando, entretanto, se essa consciência do público é menos relevante que o passar dos anos e as mudanças do pensamento de Sérgio.

6. Não nos esqueçamos de SD. Desiludam-se se pensaram que o Bosquejo e sua prole reabilitam SD. Realmente, há muito menos afinidade entre Bosquejo e SD, do que entre o Bosquejo e BNL. Não encontramos, até agora, nenhuma atestação de uma variante BNL/SD em que a lição de 75 fosse corroborada pela reformulação em lugares variantes de todo o ramo do Bosquejo: mesmo o que SD corrige bem conservou-se aí com erro. É assim quase certo que Sant'anna Dionísio agiu à revelia de Sérgio. Fica a dúvida sobre se se terá guiado por algum testemunho de Proença.

Se calhar, o que temos de fazer é contentarmo-nos com a sugestão do próprio Sant'Anna Dionísio ('?'): "Mentalmente, convoco, além do próprio Proença, a presença de alguns homens que vigorosamente contribuíram para a realização desta obra [...] e solicito-lhes, em telepático silêncio, o seu parecer".

Notas

- (1) - "Ainda duas palavras simples" in Guia de Portugal, vol. II (Estremadura, Alentejo, Algarve), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1983², p. VII.
- (2) - Prefácio do Guia de Portugal, vol. IV (Entre Douro e Minho), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1964, p. XXXIII.
- (3) - Prefácio do Guia de Portugal, vol. V (Trás-os-Montes e Alto Douro), tomo I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, [1969], p. XX.
- (4) - p. 19.
- (5) - (Um farense) Anónimo, "Algarve no Guia de Portugal", Correio do Sul, 17 de Junho de 1928, apud Daniel Pires (org.), Raul Proença - Polémicas, Publicações Dom Quixote, Lisboa, 1988, p. 673.
- (6) - Sant'Anna Dionísio, "Prefácio da presente reedição", Guia de Portugal, vol. I, tomo I (Generalidades - Lisboa), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, s. d. (1975), p. L.
- (7) - Avante, nº 2 (5 de Fevereiro de 1927), Porto, apud Daniel Pires, "Introdução a O caso da Biblioteca de Raul Proença" in Raul Proença, O caso da Biblioteca (org. Daniel Pires e J. C. González), pp. 13-30, B.N., Lisboa, 1988, p. 18.
- (8) - Seara Nova, nº 550, pp. 78-82, Fev. 1938.
- (9) - Sant'Anna Dionísio (1944), Prefácio do Guia de Portugal, vol. III (Beira), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984², p. XLIII.
- (10) - Edição do autor, Lisboa, 1931, p. 34.
- (11) - No espólio de Jaime Cortesão; apud Jaime Cortesão - Raul Proença (Catálogo da Exposição Comemorativa do Primeiro Centenário), B.N., Lisboa, 1985, p. 292.
- (12) - Em 25 de Dezembro de 1939, segundo Daniel Pires, Raul Proença - Polémicas.
- (13) - Sant'Anna Dionísio, cit. em Daniel Pires, op. cit., p. 89.
- (14) - Sant'Anna Dionísio (1969), Prefácio do Guia de Portugal, vol. V, tomo I, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, [1969], p. XXV.
- (15) - Sant'Anna Dionísio, "Duas palavras simples", PCG, p. V.
- (16) - *Ibidem*.
- (17) - José Rodrigues Nogueira (1979), Uma flor na campã de Raul Proença, Biblioteca Nacional, 1985, pp. 25-26.
- (18) - António Sérgio, Bosquejo da História de Portugal, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1923' & ² (na verdade, duas impressões).
- (19) - "Breve Prefácio", Guia de Portugal, vol. V, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. [1082], 1970.